

## INTRODUÇÃO

Cabe, nesta introdução, apresentar um panorama do pensamento museológico internacional, que pretendemos basear nos documentos do Rio de Janeiro (1958)<sup>7</sup>; no de Santiago (1972), que formalizou a introdução do conceito de museu integral; no de Quebec (1984), ao qual coube a sistematização dos princípios da Nova Museologia; e no de Caracas (1992), que realizou uma avaliação crítica desse percurso, reafirmando o museu como canal de comunicação.

Este recorte privilegia documentos que constituíram três dos principais marcos do movimento da Nova Museologia – Cartas de Santiago, Quebec e Caracas – e o documento final do Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, do Rio de Janeiro, que inaugura uma linha de seminários regionais e a perspectiva de pensar a Museologia a partir de olhares não europeus. São documentos fundamentais para o entendimento da renovação no cenário museológico internacional e, notadamente, na América Latina, onde a maior parte deles tomou corpo.

São ainda, parcela fundamental da memória do pensamento museológico brasileiro, a ponto de terem sido alvo de um esforço de tradução e publicação, preparada para dar aporte às discussões do seminário “*A museologia brasileira e o ICOM: convergências ou desencontros?*”, ocorrido em São Paulo em novembro de 1995.

---

<sup>7</sup> Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, in ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*.

Nessa publicação, os documentos são precedidos pelo depoimento de um profissional que esteve presente na sua elaboração e que se destaca no cenário museológico internacional. O do Rio de Janeiro é apresentado por Hernan Crespo Toral, o do Chile por Hügues de Varine-Bohan, o de Quebec por Mário Moutinho e o de Caracas, por Maria de Lourdes Parreiras Horta.

## **Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus<sup>8</sup>**

### **Rio de Janeiro - 1958**

#### **Pontos de destaque do documento:**

Este documento enfatiza várias maneiras de adequar os fatores expositivos ao aspecto educativo dos museus, no sentido de superação das barreiras que ainda o separavam do público. Evidencia a relação do museu com a educação e tem como contexto o período desenvolvimentista.

Objetiva a definição de conceitos como museu, Museologia e museografia, reflexo de uma preocupação contemporânea de definir as especificidades da Museologia.

Sobre a exposição, define-a como meio específico dos museus; diferencia exposições ecológicas (contextualização e reconstituição) e sistemáticas (agrupamento de objetos por categorias); discute a exposição polivalente x exposição especializada:

---

<sup>8</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 11-16.

opção ou não pela exposição explicativa diante de um público heterogêneo<sup>9</sup>; por fim, refere-se às questões sobre ambiente sonorizado. Em todos os casos, a preocupação com o conforto, o entendimento e a participação de diferentes públicos, é a tônica.

É destacado o valor didático da exposição em diferentes tipos de museus: lugares naturais; lugares de interesse cultural e monumentos históricos; museu ao ar livre; parques botânicos e zoológicos; museus de arte e arte aplicada; museus históricos, etnológicos e de artes populares; museus de ciências naturais; museus científicos e técnicos. O documento é concluído com a afirmação de que a exposição terá sempre valor didático, se respeitar as condições de ser lógica, agradável e propositiva, ao invés de impositiva.

### **Comentários de Hernan Crespo Toral<sup>10</sup>:**

Segundo Hernan Crespo Toral, que na ocasião do seminário de 1995 era diretor da Oficina Regional da Cultura para a América Latina e Caribe, ORCALC/UNESCO, em Havana, o seminário teria sido momento para uma exaustiva revisão de todos os temas relacionados aos museus, sendo que as discussões centraram-se no caráter científico da Museologia, enquanto que a museografia foi definida como a técnica a ela associada.

O seminário ressaltou o objeto como cerne do museu e a utilização de todos os recursos disponíveis para potencializar a relação sujeito-objeto. Além disso, recomendou à UNESCO o apoio à

---

<sup>9</sup> O documento sugere diversas exposições especializadas, destinadas uma para cada tipo de público, além de “*exposições de estudo*” para especialistas.

<sup>10</sup> TORAL, in ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 8-10.

formação profissional em Museologia e ao desenvolvimento de atividades educativas nos museus.

Foi enfatizada a importância da dinamização do museu perante a sociedade e seus papéis transformador e de desenvolvimento. O documento insistiu ainda na relação museu-escola, tendo aquele a possibilidade de exibir a concretude de conceitos que são ensinados de maneira abstrata.

### **Mesa-Redonda sobre o Papel do Museu na América Latina<sup>11</sup> (organizada pela UNESCO)**

**Santiago do Chile – 1972**

#### **Pontos de destaque do documento:**

Este documento é reconhecido como a mais importante contribuição da América Latina para o pensamento museológico internacional<sup>12</sup> e sua importância decorre especialmente da inserção, nas discussões, da questão do papel social dos museus.

As resoluções então adotadas referem-se a uma mutação do museu na A.L. que acompanhasse as rápidas transformações sociais, econômicas e culturais e contribuísse para a formação de consciências. Note-se que ao contrário de radicalismos porventura decorrentes de leituras apressadas do documento, ele propõe a manutenção das instituições já existentes, mesmo nesse processo de

---

<sup>11</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 20-25.

<sup>12</sup> Anotações de aula do CEMMAE referentes ao seminário de Peter Van Mensch dias 02 a 06/10/2000.

transformação. E enfatiza uma transformação necessária na própria mentalidade dos profissionais de museus, bem como a adequação desse novo modelo de museu à ação localizada.

São decisões gerais: a opção pela interdisciplinaridade; os esforços para recuperação e **uso social do patrimônio**; a acessibilidade às coleções; a modernização da museografia; a implantação de avaliações institucionais; o aperfeiçoamento da formação profissional na A.L.; o destaque, em todos os aspectos da ação museológica, para a responsabilidade com a conscientização da sociedade sobre suas problemáticas.

É proposta a criação de uma Associação Latino-Americana de Museologia como possibilidade de superação das dificuldades de comunicação entre profissionais e entre instituições e do não reconhecimento pleno do potencial dos museus.

São apresentadas recomendações à UNESCO:

Além das recomendações relacionadas ao conceito de **museu integral**<sup>13</sup>, à formação profissional, à utilização educativa dos museus e à preservação do patrimônio natural, há a recomendação pela produção de um livro de caráter científico e um vídeo para divulgação mais ampla, ambos versando sobre a questão urbana na América Latina<sup>14</sup>.

---

<sup>13</sup> Será discutido mais adiante.

<sup>14</sup> Note-se a importância dada à intervenção do arquiteto argentino Jorge Enrique Hardoy nesta mesa-redonda, quando, sem exatamente estar falando dos museus, mas da vida urbana, provocou, segundo Desvallées (1992), abalos nas certezas dos profissionais de museus então presentes. A discussão, que Hardoy retoma dois anos depois, na 10ª Conferência Geral do ICOM em Copenhague, referia-se ao papel dos museus na sociedade diante do processo mundial de urbanização. (HARDOY, 1974, in DESVALLÉES, 1992: 214-222).

## A respeito da Mesa-Redonda de Santiago – Comentários de Hugues de Varine-Bohan<sup>15</sup>

Hugues de Varine, diretor do Ecomuseu do Creusot, na França, ex-presidente do Conselho Internacional de Museus - ICOM/UNESCO, identifica os precedentes desta mesa-redonda. Seriam eles: a Conferência Geral do ICOM de 1971 na França, que trouxe a revisão dos estatutos e da definição de museu, a afirmação da importância do meio ambiente e da função política dos museus; e a fala de Mário Vasquez (México), em Grenoble, quando questionou o papel do museu na sociedade.

A discussão de Santiago sobre o papel dos museus na América Latina se insere na linha de seminários regionais semelhantes que já ocorria desde 1958 (Rio de Janeiro), a seguir em 1964 (Jos - Nigéria) e 1966 (Nova Delhi).

Varine menciona que Paulo Freire chegou a ser indicado para presidir a mesa-redonda, mas foi vetado pelo delegado brasileiro da UNESCO. Essa responsabilidade acabou sendo dividida entre quatro coordenadores, sendo que o argentino Jorge Enrique Hardoy, especialista em Urbanismo, destacou-se devido às suas reflexões sobre a realidade da explosão urbana, que estava à margem das preocupações dos museólogos, até então. Em uma semana, com base nestas reflexões e em outros esclarecimentos sobre o mundo urbano e rural dados pelos outros três especialistas, foi gestado, **em espanhol**, o conceito de “*museu integral*”.

O autor considera como maiores inovações do documento, as considerações sobre o museu integral e museu enquanto ação. E, em oposição às tradicionais tarefas de coleta e

---

<sup>15</sup> VARINE-BOHAN, IN ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 17-19.

conservação, o “*conceito de patrimônio global a ser gerenciado no interesse do homem e de todos os homens*”.<sup>16</sup>

Em suas considerações, entretanto, afirma que afora algumas experiências como museus comunitários no Brasil e no México, não houve muita mudança na América Latina, e nos demais países o impacto dessa Mesa-Redonda foi tardio (anos 80), à exceção da experiência do Museu da Comunidade de Creusot-Montceau. A Conferência de Caracas seria uma retomada dessas idéias.

Segundo ele, hoje os museus retomaram duas situações que estavam embrionárias em Santiago: o surgimento de “*museologias nacionais ‘incultas’*”, com base na formação universitária, e a multiplicação de museus locais por iniciativas comunitárias. E além disso, os museus assumiram hoje suas responsabilidades como instrumento de desenvolvimento e seu papel social, bem como a responsabilidade política do profissional museólogo.

### **Princípios de Base de uma Nova Museologia<sup>17</sup>**

#### **Declaração de Quebec – 1984**

#### **Pontos de destaque do documento:**

Documento fundador do MINOM – Movimento Internacional para uma Nova Museologia, a Declaração de Quebec remete à Mesa-Redonda de Santiago do Chile como suas origens.

A tomada de posição se baseia na reflexão sobre as transformações ocorridas no cenário museológico internacional. Dela

---

<sup>16</sup> Idem. p. 18.

<sup>17</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 30-31.

decorrem: o reconhecimento da necessidade de ampliar a prática museológica e de integrar nessas ações as populações; a convocação ao uso da interdisciplinaridade e de métodos modernos de gestão e comunicação; e a priorização do desenvolvimento social.

São resoluções desta Declaração: o convite ao reconhecimento desse movimento e das novas tipologias de museus; a ação junto aos poderes públicos pela valorização de iniciativas locais baseadas nesses princípios; a criação de estruturas internacionais do movimento – que pretendiam que fossem um comitê “*Ecomuseus / Museus Comunitários*” no âmbito do ICOM e uma federação internacional da Nova Museologia a ele associada – ; e a formação de um GTP (Grupo de Trabalho Provisório) para formulação dessas estruturas.

### **Comentários de Mário Canova Moutinho<sup>18</sup>**

Mário Moutinho, diretor do Centro de Estudos de Sociomuseologia da ULHT e ex-presidente do MINOM/ICOM, participou do Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, em Quebec, 1984. Este ateliê teve como precedentes a Reunião de Londres de 1983, onde o ICOFOM rejeitou formalmente a existência de práticas museológicas afastadas do quadro museológico instituído; e o Ateliê no Ecomuseu de Haute Beauce, Canadá (1983), dedicado a Georges Henri Rivière, que deu início à preparação da Declaração de Quebec e do ateliê de 1984, com os objetivos de intercâmbio e incentivo a novas experiências museológicas.

---

<sup>18</sup> MOUTINHO, in ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 26-29.



O fundamento destas novas experiências deveria ser o de uma Museologia de caráter social em oposição ao colecionismo. Há o reconhecimento de diversas formas de expressões museais (museus comunitários, museus de vizinhança, etc.), além dos ecomuseus, como processos da Nova Museologia.<sup>19</sup>

Aspectos desta Nova Museologia: testemunhos materiais e imateriais serviriam a explicações e experimentações, mais que à formação de coleções; destaque para a investigação social enquanto identificação de problemas e de soluções possíveis; objetivo de desenvolvimento comunitário; o museu para além dos edifícios – inserção na sociedade; interdisciplinaridade; a noção de público dando lugar à de colaborador; a exposição como espaço de formação permanente ao invés de lugar de contemplação.

O autor procura apresentar exemplos desta nova prática museológica, quais sejam: Museu Nacional do Níger (construção da identidade nacional), museus de vizinhança nos EUA, Casa del Museo (questões da vida cotidiana e caráter popular), exposições populares na Suécia, museus de Arqueologia Industrial no Reino Unido (apropriação pela população dos métodos da Arqueologia e História Local para preparação desses espaços para o turismo), ecomuseus (Georges Henri Rivière e Hugues de Varine e sua ação baseada na territorialidade, interdisciplinaridade e participação popular com vistas ao desenvolvimento social). *“O confronto dos aspectos específicos com os aspectos formais destas museologias colocava, na verdade, a questão sobre a forma como em cada questão se resolviam ou não os problemas da interdisciplinaridade, da territorialidade e da participação popular”*.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 26-27.

<sup>20</sup> MOUTINHO, *in* ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 28.

Percebendo então a existência de um movimento museológico múltiplo (indo além dos ecomuseus), houve a decisão pela criação do Comitê Internacional “Ecomuseus / Museus Comunitários” no seio do ICOM, mas esta proposta nunca foi concretizada. A criação de uma Federação Internacional de Nova Museologia foi efetivada no segundo Ateliê, em Lisboa (1985), com o nome de Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), afiliado ao ICOM.

Assinale-se essa mudança de perspectiva, com o reconhecimento pelo ICOM dos resultados do Ateliê de Quebec.

O autor entende que não houve em Quebec grande renovação conceitual, pois se retomaram idéias de Santiago, mas a contribuição é o confronto com a nova realidade museal que havia se concretizado desde 1972.

### **Seminário “A Missão dos Museus na América Latina Hoje: Novos Desafios”**

#### **Declaração de Caracas – 1992<sup>21</sup>**

##### **Pontos de destaque do documento:**

Em 1992, em Caracas, são mantidos a prioridade à função sócio-educativa do museu, o estímulo à reflexão e ao pensamento crítico e a afirmação do museu como canal de comunicação. Este documento, é antes de tudo, uma reafirmação de

---

<sup>21</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 36-45.

princípios, uma renovação dos compromissos e uma avaliação crítica desta trajetória da Museologia que estava sendo construída desde o Rio de Janeiro, em 1958.

Aspectos discutidos: a inserção de políticas museológicas nos setores de cultura; a consciência sobre o poder da Museologia no desenvolvimento dos povos; a reflexão sobre a ação social dos museus e museus do futuro; as estratégias para captação e gestão financeira; as questões legais e organizacionais dos museus; os perfis profissionais; o museu como meio de comunicação.

Seus antecedentes vêm da influência da Mesa-Redonda de Santiago. São as experiências que vinham acontecendo em diversos países naqueles últimos vinte anos, com destaque para a ação da UNESCO e de seus órgãos regionais. Outra motivação é a necessidade de atualização dos conceitos.

Sobre a América Latina e o museu há uma análise da conjuntura política internacional e menção aos processos de globalização e de desenvolvimento científico tecnológico acelerados nesta era da comunicação; além de destaque à problemática econômica da A.L. e a conseqüente crise de valores que afeta também a cultura, desencadeando deficiências nas políticas culturais. Estas questões são contrapostas à riqueza cultural e diversidade da região, havendo uma chamada à *“afirmação do ser latino-americano”*. A cultura aparece como instrumento de valorização do local, particular, em contrapartida à globalização, e o museu como fortalecedor das identidades para conhecimento mútuo entre os povos da A.L. (integração).

Os participantes consideram como desafios prioritários para os museus os aspectos: museu e comunicação; museu e patrimônio; museu e liderança; museu e gestão; museu e recursos humanos.

Museu e comunicação: museus como espaços e meios de comunicação, necessidade de definir a natureza específica deste meio e sua linguagem (exposições, articulação objeto-signos, produção de discurso não verbal) e de enfrentar o problema do desconhecimento dos códigos expositivos por parte do público. Museu como espaço para a educação permanente do indivíduo; construção da identidade, da consciência crítica, da auto-estima e da qualidade de vida. Necessidade de orientação do discurso para o presente – processo interessando mais que o produto – e de investigações mais profundas sobre a comunidade em que está inserido o museu. Aproveitamento da experiência dos meios de comunicação de massa, mas com o museu sendo alternativa a eles. Busca de ação integral, democrática e participativa.

Museu e patrimônio: recomendam a atualização da legislação patrimonial; a valorização e contextualização do entorno; a reformulação das políticas de musealização, mais de acordo com a comunidade na qual se inserem; a potencialização dos recursos humanos e materiais; o melhor controle da informação sobre acervos – sistemas de inventário; a aproximação com instituições e colecionadores particulares e contribuição para a preservação destes acervos; a relação de apoio e estímulo às iniciativas civis de preservação; a manutenção do papel de guardião do patrimônio pelo Estado; o estímulo à participação comunitária.

Museu e liderança: são feitas recomendações relativas ao patrimônio ser instrumento de conscientização da comunidade e a que o museu assuma sua responsabilidade como gestor social, com propostas de interesse do seu público e compromisso com a realidade e com sua transformação.

Museu e gestão: necessidade de gestão eficiente dos recursos humanos e materiais. Entre as considerações, destacamos a relação das deficiências dos museus com descontinuidade administrativa e programática, falta de reconhecimento social e financeiro econômicos aos funcionários, ausência de importantes técnicos e materiais. Percepção da nova atitude das empresas privadas de investimento cultural e, em particular, nos museus, como estratégia de imagem corporativa. Após as considerações, recomendam: demarcação clara da missão; definição da estrutura organizacional de acordo com as especificidades e com mecanismos de avaliação permanente; estruturação de planos a pequeno, médio e longo prazos, com base em diagnóstico da instituição e da sociedade; busca de autofinanciamento e de investimentos do setor privado; obtenção de apoio da sociedade na gestão do museu; uso de estratégias de mercado para conhecimento do público e de sensibilização da opinião pública; formação em gestão museológica; e princípios éticos na gestão dos museus.

Museus e recursos humanos: prioridade para a profissionalização; observação aos aspectos da interdisciplinaridade, liderança social, gerência eficiente e comunicação adequada; capacitação dos recursos humanos; valorização social e salarial dos profissionais; programas de formação voltados para adequação dos museus aos interesses das comunidades; maior relação com o ICOM no item formação profissional.

Os novos desafios para os universos museal e museológico<sup>22</sup> seriam, portanto, estabelecerem-se como espaços para a relação do homem com seu patrimônio com os objetivos de reconhecimento coletivo e estímulo à consciência crítica; estabelecerem canais de aproximação com os governantes para sua colaboração com o museu; desenvolverem a especificidade de sua linguagem em seus aspectos democráticos e participativos; refletirem a diversidade de linguagens culturais com base em códigos comuns e reconhecíveis pela maioria; revisarem o conceito de patrimônio passando a enfocar também o entorno; adotarem o inventário como instrumento básico de gestão patrimonial; buscarem a valorização profissional e a formação profissional integral; estabelecerem mecanismos de administração e captação de recursos como base para uma gestão eficaz.

## **20 Anos depois de Santiago – Comentários de Maria de Lourdes Parreiras Horta<sup>23</sup>**

Maria de Lourdes Parreiras Horta, diretora do Museu Imperial de Petrópolis e Presidente do Comitê Brasileiro do ICOM à época do seminário de 1995, apresenta seus comentários sobre a Declaração de Caracas, de 1994.

Objetivando refletir sobre a missão atual do museu como agente de desenvolvimento integral, o seminário “*A Missão do Museu*

---

<sup>22</sup> Em fala ao CEMMAE, Marcelo Araujo esclareceu a diferença conceitual entre MUSEAL e MUSEOLÓGICO, sendo aquele um adjetivo correspondente a museu e este, adjetivo relativo à Museologia. (Anotações de aula de 04/10/2000 – intervenção durante o seminário de Peter Van Mensch dias 02 a 06/10/2000)

<sup>23</sup> ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 32-35.

na América Latina Hoje: novos desafios” retomava as discussões de Santiago numa perspectiva de atualizar os conceitos então formulados, renovar aqueles compromissos, e considerar as transformações ocorridas na A.L. e a proximidade do século XXI.

Seus pontos fundamentais, segundo a autora, seriam: a retomada dos pressupostos de Santiago mas com a necessária reformulação decorrente da irreversibilidade da abertura da instituição museológica para seu entorno e realidade que a carta de 1972 provocara. Na Declaração de Santiago haveria ainda, em seu ponto de vista, uma visão catequética sobre a função social dos museus que a de Caracas revisa. Na mesma linha de raciocínio do ponto anterior, Horta destaca, no documento de 72, a idéia de um “*patrimônio global a gerir*” como responsabilidade do museu, não se falando ainda da comunidade. Por outro lado, a importância, naquele momento, da discussão sobre seus papéis político, social e ideológico impede a definição mais pragmática de suas tarefas funcionais e técnicas. Entretanto, a reunião de Caracas, 20 anos depois, já encontra os museus imersos nessa nova realidade decorrente das transformações pós-Santiago. “*O museu não é mais um ‘dono da verdade’, mas ‘parceiro ou instrumento de desenvolvimento’*”.<sup>24</sup> Ocorre a substituição das “realizações” por “ações e processos” e da “globalização” pela “localização”. O museu é concebido como meio de comunicação e instrumento do homem em seu processo de desenvolvimento.

Maria de Lourdes Parreiras Horta destaca ainda, como ponto primordial, a transformação do **museu integral** em **museu integrado**, conceito não formulado mas implícito no documento de 92, em substituição àquele, menos palpável. Esta discussão é também

proposta por Mário Chagas, numa revisão conceitual que aponta a ineficiência do termo integral para a discussão o patrimônio a ser preservado, sempre um recorte da realidade<sup>25</sup>. Iremos retomá-la ao tratar do pensamento museológico deste autor, no Capítulo 3.

\* \* \*

Com esta introdução, apresentados alguns importantes documentos museológicos internacionais, suas idéias principais e parte da trajetória que levou à renovação da Museologia, temos já uma base conceitual sobre a qual amparar a análise da parcela do pensamento museológico brasileiro que nos propusemos a estudar, bem como para avaliar o panorama da Nova Museologia apresentado em “*Vagues: une anthologie de la nouvelle muséologie*”. Isto sem esquecer a tônica dada pelo último documento apresentado, de revisão crítica e avaliação dessa trajetória.

---

<sup>24</sup> HORTA, in ARAUJO e BRUNO, *op. cit.*, p. 34.

<sup>25</sup> Anotações de aula do CEMMAE referentes ao seminário proferido por Mário Chagas dias 03 e 04/07/2000.